

FEMINISMO E EMPODERAMENTO DA MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA

FEMINISM AND WOMEN'S EMPOWERMENT IN BRAZILIAN SOCIETY

*Wédja Roberta Moura Matia*¹

Resumo: Este estudo tem por objetivo trabalhar a história do movimento feminista no Brasil, com elementos que envolvam subsídios de empoderamento e descrevê-los através de uma ótica feminista. A partir de uma abordagem embasada no estudo da história das mulheres, enfatizamos através de pesquisa bibliográfica e estudo de imagens virtuais, uma discussão acerca do lugar social, muitas vezes marginalizado, que a mulher ocupa no Brasil e a oferta crescente de entendimento sobre seus próprios direitos. Escolheu-se analisar também a rede social *Facebook*, mais especificamente suas “comunidades” feministas, (devido ao grande nível de alcance desta ferramenta em várias faixas etárias e em diferentes grupos sociais) por considerarmos que proporcionam auxílio na problematização e disseminação do movimento feminista e suas possíveis perspectivas do conceito de empoderamento feminino.

Palavras-chave: Feminismo; Empoderamento; Facebook.

Abstract: This study aims to work from the very history of the feminist movement, especially the present in Brazil, elements that involve empowerment subsidies and describe it through a feminist perspective. Based on an approach based on the study of women's history, we emphasize through a bibliographical research and study of virtual images, a discussion about the often marginalized social place that women occupy in Brazil and the growing offer of understanding about their Own rights. We have also chosen to analyze the social network Facebook, more specifically its feminist "communities" (due to the high level of reach of

¹ Graduada do curso de Licenciatura em História pela Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul, 2017.

this tool in various age groups and in different social groups) because we consider that they provide assistance in the problematization and dissemination of the feminist movement and Prospects of the concept of female empowerment.

Keywords: Feminism; empowerment; Facebook.

*É preciso ter coragem pra ser mulher nesse mundo.
Para viver como uma.
Para escrever sobre elas.*

*Think Olga**

Introdução

Numa sociedade marcada e fundada com base no patriarcalismo, tão explicado e naturalizado por Freyre (2005) e tantos outros, o machismo ainda se sobressai como forma de “dominação natural”, expondo mulheres a preconceitos e violências diárias dentro da sociedade brasileira que embora seja classificada como igualitária, ainda, possui desigualdades latentes em todas as suas esferas. Os movimentos feministas são, assim como outros movimentos, uma saída para várias pessoas que se sentem coagidas dentro da própria sociedade. Então, por que ainda possuem tão pouca visibilidade? Por que questões de gênero, desigualdade e sexismo não são assuntos rotineiros em rodas de conversas cotidianas? Para que entendamos melhor estes questionamentos, é necessário que façamos a análise num contexto em que os interesses masculinos estejam em sobreposição aos femininos e que este seja visto como natu-

* Think Olga é uma Organização Não Governamental que auto se intitula como “uma ONG dedicada ao empoderamento feminino por meio de informação”. Disponível em: <thinkolga.com/>.

ral, e as vezes, inquestionável perante a sociedade. É assim como disse Pierre Bordieu que

a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetua-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais (BORDIEU, 2002).

A nossa sociedade ainda carrega resquícios da naturalização, mesmo que inconsciente, da dominação masculina. E mesmo que as mulheres sofram, infelizmente, violências físicas e morais de todos os tipos, em todos os lugares, o tempo todo o feminismo ainda é tido como algo dispensável. A vítima se cala ou é calada por uma sociedade, que em sua maioria, ainda justifica algumas ações com frases do tipo “isso é coisa de homem/ coisa de mulher” ou “ele pode fazer”, numa espécie de legitimação à “superioridade” (inexistente) masculina. Isto chega a estar enraizado de tal forma que falar de grupos ou práticas de apoio soa como desnecessário, e causa espanto. Será que chegamos a um ponto de naturalização tão elevado, das diversas violências sofridas pelas mulheres, que deixamos de nos preocupar com as vítimas pelo simples fato de pensarmos que elas não existem? As dificuldades enfrentadas pelo feminismo, que efervesceu com a conquista de direitos civis, fizeram com que o feminismo contemporâneo surgisse com o desafio de mostrar, ao contrário do que pensam, que o direito ao voto não fez cessar as desigualdades entre os gêneros e muitas das violências cometidas contra as

mulheres persistem. Ao se referir às dificuldades enfrentadas por este feminismo, Ana Montenegro salienta:

A igualdade de direitos formal foi em parte realizada, não era suficiente para assegurar às mulheres direitos iguais na vida real, levando-se ainda em conta os problemas surgidos com a participação cada vez maior das mulheres na produção social (MONTENEGRO, 1981, p. 32).

Ou seja, mais do que autonomia política, precisamos de autonomia na sociedade como um todo; sobre nossos próprios corpos. É preciso ofertar às mulheres o entendimento para que as mesmas conheçam seu direito à justiça e igualdade e, como veremos adiante, as redes sociais podem desempenhar de maneira significativa este papel.

Movimento feminista: do indivíduo ao social

O movimento feminista no Brasil, assim como em outros países, possuiu picos de efervescência que eclodiram a partir do final século XIX motivados primeiramente pelo movimento das sufragistas (primeiras ativistas engajadas em conseguir o direito ao voto) que rendeu o começo da discussão sobre direitos femininos; direito à educação; a inserção da mulher no mercado de trabalho (atendido parcialmente no período da II Guerra Mundial, em países como os Estados Unidos, uma vez que com a volta dos maridos a distinção entre os papéis de gênero voltam à tona e as mulheres voltam a ocupar o papel de “dona do lar”. Já no Brasil, de acordo com a historiadora Margareth Rago (1985), essa inserção acontece devido ao desenvolvimento econômico que possibilitou o aumento da mão de obra feminina, principalmente no ambiente

fabril). Posteriormente, no final do século XX e início do séc. XXI as reivindicações por diminuição da violência, domínio da mulher sobre o próprio corpo e estudos específicos e direcionados às mesmas ganharam força. Em um panorama geral uma das maiores conquistas e mudança que o feminismo possibilitou, segundo Bordieu (2002), foi permitir que a dominação masculina deixasse de ser algo indiscutível, levantando um leque de possibilidades a serem discutidas. O crescente clamor por melhorias e direitos coexistiu entre diversas questões em épocas diferentes.

É relevante que possamos entender o feminismo como um movimento plural e que como tal se adequa a realidades diferentes em contextos sociais diferentes, mesmo que mantendo uma vertente em comum. Falamos assim de feminismos e suas diversas definições reunindo mulheres pertencentes a situações econômicas, políticas e sociais distintas, para que assim como disse Schwarzer (1975, apud MONTENEGRO, 1985, p. 31), as mesmas possam ir “à luta contra um mundo dominado por normas masculinas”. A trajetória do movimento feminista é marcada por suas especificidades, tanto nas reivindicações quanto na própria forma de organização, podendo mudar cotidianamente, acompanhando demandas diversas, moldando-se as novas necessidades, atendendo as mulheres em suas novas lutas. Embora muitos discordem no tocante à década em que o movimento feminista presente no Brasil tenha aflorado de forma mais acentuada ou se figurado ao conceito de feminismo que temos hoje (variando entre o período da década de 40 ao

regime civil-militar²; e o final da década de 70, “ano internacional da mulher³”), algo faz as argumentações de ambas encontrarem um ponto de discussão em comum: o caráter social que caracteriza o feminismo em si, partindo do pressuposto que um grupo de pessoas está unido em prol de um único objetivo: ajudar as mulheres a oporem-se às violências e aos preconceitos que as mesmas são submetidas, além de garantir o direito à igualdade política, social e por que não transformar as relações de poder tanto no público quanto no privado. Se em um primeiro momento assume um caráter individual, de ajuda e auxílio a uma vítima de assédio moral, por exemplo, posteriormente dissemina-se em um combate, não só ao agressor, mas ao assédio de uma forma geral em toda a sociedade. E não só a preocupação nas relações pessoais como também na organização política pública, pois:

A opressão de poder que se dava no âmbito privado não podia ser isolada de uma ação política pública mais abrangente: a luta por direitos de cidadania para todos, por exemplo. Assim, foram sendo organizados grupos de reflexão nos quais as mulheres compartilhavam suas agruras, e o que antes parecia um problema individual tornava-se coletivo. (SILVA; SILVA, 2009, p. 146)

Estabelece-se assim uma relação indivíduo-sociedade, gerando uma teia de conexão entre mulheres que têm empatia ou sofreram do mesmo problema que outras, para que possam lutar juntas. É importante

² MONTENEGRO, Ana. *Ser ou não ser feminista*. Recife: Editora Guararapes, 1981.

³ SARTI, Cynthia. *Feminismo no Brasil: Uma trajetória particular*. Cad. Pesq. São Paulo, 1988.

que se entenda “luta” não como um combate entre homens e mulheres, mas como um enfrentamento a preceitos de segregação entre os gêneros. O movimento feminista a partir de “grupos de reflexão” e na busca pela aproximação entre as mulheres transforma o que era individual em coletivo. Uma experiência que propicia a fuga do isolamento em que vivem várias mulheres, fadadas a um modo de vida patriarcal; ao trocarem experiências as mesmas constituem, através do companheirismo, uma identidade própria.

O discurso feminista, ao apontar para o caráter também subjetivo da opressão, e para os aspectos emocionais da consciência, revela os laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política pública. Conscientizando-se do fato de que as relações interpessoais contêm também um componente de poder e hierarquia (homens versus mulheres, pais versus filhos, brancos versus negros, patrões versus operários, hétero versus homossexuais, etc.), o feminismo procurou, em sua prática enquanto movimento, superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo (ALVES; PITANGUY, 1991, p. 8).

Além do mais, o feminismo é, em grande parte, responsável por inserir a mulher socialmente, considerando-a como um sujeito histórico. “A História das Mulheres, que emerge no século XX através da nova historiografia proposta pela Escola do Annales, tendo como uma das principais precursoras a historiadora Michelle Perrot com obras como “História das mulheres no ocidente” e “Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros”, é antes que uma conquista historiográfica, uma conquista das feministas que reivindicaram o seu direito de ser

objeto de estudo para que fizessem parte efetivamente da memória coletiva. Conforme acrescenta ainda Silva e Silva (2009, p. 149) “a História das mulheres é carregada de uma herança feminista proveniente de seu passado, para que a mulher não seja mais esquecida na memória social de um povo”. Ao proporem tal produção, o que também ocorre em relação aos estudos do corpo da mulher, o feminismo abriu a possibilidade de as mulheres entenderem-se como parte colaborativa do meio em que estão inseridas, sujeitos e agentes históricos tão importantes quanto qualquer outro.

Empoderamento numa perspectiva feminista

Traduzida do termo inglês “empowerment”, a palavra empoderamento possui uma conotação muito mais voltada ao sentido de poder e de aquisição a uma emancipação individual econômica. Empoderamento é uma palavra “nova” na língua portuguesa e ainda não é dicionarizada oficialmente, também não é um termo usado exclusivamente para fins feministas. Como exemplo desta definição, está o que a parte responsável pelas mulheres na Organização das Nações Unidas (ONU) chama de “princípios de empoderamento”. O que é, resumidamente, a tentativa de empoderar as mulheres nas atividades sociais e da economia com o objetivo de promover a equidade de gênero. O significado dentro da perspectiva feminista que norteará este trabalho vai além e assume outra roupagem. Assim como disse a entrevistada Vera Lucia Silveira⁴, cria-

⁴Entrevista realizada pela autora no dia 28 de maio de 2016, a fim de coletar documentação oral para este estudo.

dora de uma página feminista no *facebook*, intitulada: “Feminismo sem demagogia”, ao ser indagada sobre o que seria o “empoderamento” e por que a mesma não concordava, assim com a autora Cecília Sardenberg (2006), com a visão econômica da aquisição de poder, ela respondeu:

Por que não adianta ter mulheres no poder se elas carregam a ideologia da classe dominante como sua forma de atuar, atacando o direito de outras mulheres. Ter uma mulher no poder não significa também que todas conseguirão estar no poder um dia, os espaços são restritos. (...) Dar autonomia. Dar autonomia é uma forma de libertação coletiva por que não alça alguns a espaços de poder, mas pretende dar a todas condições de estar aptas para seguirem suas vidas de forma independente.

Devido a situações de dicotomia como esta, seu conceito pode assumir significados diferentes e muitas vezes ambíguos, por esta razão sempre que esse for referido aqui assumirá uma conotação especificamente feminista assim como a citada anteriormente, a qual será explicada no decorrer deste trabalho a partir do seu próprio uso e em atribuições a grupos que tem por objetivo aliar as mulheres através de uma sororidade⁵ e ajuda mútua.

Empoderar se trata de algo que sempre esteve presente no feminismo: mostrar que o poder também está disponível e é algo acessível tanto para homens quanto para mulheres além de disseminar-se a partir

⁵ Conceito utilizado por vários grupos feministas e pela página digital “Empodere duas mulheres” como “forma de aliança entre as mulheres contra a competição imposta pelo machismo”, disponível em:

<www.facebook.com/empodereduasmulheres>. Acesso em: 01 jun. 2016.

de líderes ou grupos preocupados com o bem-estar feminino, porém só vem a ganhar esta titulação contemporaneamente. Uma das definições de empoderamento feminino, que exemplifica de forma muito pontual e precisa o termo numa análise feminista, é dada por Cecília Sardenberg ao afirmar que:

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres é o processo da conquista da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal (SARDENBERG, 2006, p. 2).

O empoderamento, principalmente no que se refere à realidade brasileira, é importante para dar liberdade a mulheres que além de sentirem a ameaça machista também são afetadas pela desigualdade econômica e racial dentro de uma sociedade que marginaliza aquilo que entende como “minorias”. Devemos empoderar as mulheres para que elas tenham a oportunidade de fazer sua própria revolução, para que possam enxergar-se em grau de equidade para com os homens.

Empoderamento nas redes sociais: o *facebook*

Quando entendemos a força da representação de um grupo, ou grupos, que se unem com o intuito de promover igualdade entre os sexos; mesmo com discrepâncias nas formas de agir e até mesmo na base de pensamento teórico, uma vez que o feminismo pluralizou-se indo de ideais liberais, marxistas, às mais radicais. Quando notamos sua flexibi-

lidade, compreenderemos melhor o papel da ferramenta “internet” como auxiliadora na disseminação dos discursos feministas e empoderadores. Todavia, a rede de informações também está sujeita a ataques machistas, homofóbicos, preconceituosos e machistas; no *facebook* também aparecem páginas que se auto intitulam antifeministas, como por exemplo, a “Moça, não sou obrigada a ser feminista”. É sempre de suma importância que fontes seguras sobre o tema sejam analisadas, a *internet* deve sempre ser vista como uma das pontes para a conquista de direitos e para aquisição de conhecimento, mas nunca a única. A partir disto a junção entre feminismo, suas várias facetas, e redes sociais deixa claro o formato que o movimento vem tomando.

O feminismo hoje pode ser entendido enquanto um movimento múltiplo, híbrido, globalmente disperso e culturalmente localizado. Em sua trajetória, percebemos a configuração de diferentes momentos e demandas de luta que incidem em configurá-lo enquanto uma vertente política e ideológica atenta às transformações estruturais e microespaciais da sociedade e da cultura (BRIGNOL; TOMAZETTI, 2015, p. 2.).

É possível perceber que com a mesma rapidez que um vídeo no qual uma mulher está sendo menosprezada, violentada, estuprada, etc., alastram-se nas redes sociais, as páginas on-line de cunho feminista, acompanhadas por milhares de mulheres, se mobilizam para denunciar aqueles que estão compartilhando tal vídeo. O uso das redes sociais, aliado aos programas de apoio às mulheres; ONG’s; a Lei Maria da Penha destina as mesmas, entre outros, dá cada vez mais força às vozes anteriormente submetidas ao silêncio. Vozes essas que ecoam e alcan-

çam lugares cada vez mais distantes. Empoderar, neste contexto, ganha uma conotação de “valorização” da mulher enquanto indivíduo, dando subsídio para a criação de uma identidade desprendida de padrões até então impostos.

[...] a maior força, mais importante e menos aparente do movimento feminista esteja na semente de questionamento e de reivindicação que surge na consciência das mulheres que, vivendo anonimamente o seu cotidiano, vêm tentando transformá-lo e recriar a sua relação com o mundo, com os conhecimentos, com os filhos, consigo mesmas (ALVES; PITANGUY, 1991, p. 70).

As mulheres que conseguem se enxergar dentro de uma totalidade conseguem artifícios para mudar sua realidade a partir, muitas vezes, do próprio espaço doméstico, possibilitando que o acesso à informação chegue mais rápido. Nas redes sociais, e aqui me refiro à ferramenta *facebook*⁶, publicações são direcionadas às mulheres, com uma faixa etária que vai dos treze aos cinquenta anos de idade mais ou menos, com o intuito de trazê-las ao exercício do poder em suas mais diversas formas, intelectual, político, econômico, racial entre outras; abrangendo os papéis de gênero “sutilmente” e alertando sobre preconceitos e estereótipos, de forma clara, usando termos comuns daquela realidade e muitas vezes simples, de fácil entendimento. Assim como demonstram as Figuras a seguir:

⁶ Darei uma atenção maior a este meio de comunicação por considerá-lo de maior visibilidade, entretanto outras redes de comunicação via internet também são usadas com o mesmo intuito, inclusive muitas vezes como extensão das outras é o caso do *twitter*, *instagram* e *blogs*, por exemplo.



Imagem 1- “Recusa ao sexismo”. Fonte: Página da ilustradora e feminista Carol Rossetti no Facebook⁷.



Imagem 2 - “Estereótipos e preconceito racial”. Fonte: Página feminista no facebook: “Feminismo sem demagogia”⁸

⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/carolrossettidesign>>. Acesso em: 15 mai. 2016.



Imagem 3- Empoderamento vinculado à aceitação do próprio corpo.

Fonte: “Novas Bruxas”⁹

⁸ Disponível em:

<https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/photo_s/>. Acesso em: 12 mai. 2016.

⁹ Disponível em: < <https://www.facebook.com/novasbruxas/> >. Acesso em 27 out. 2017.

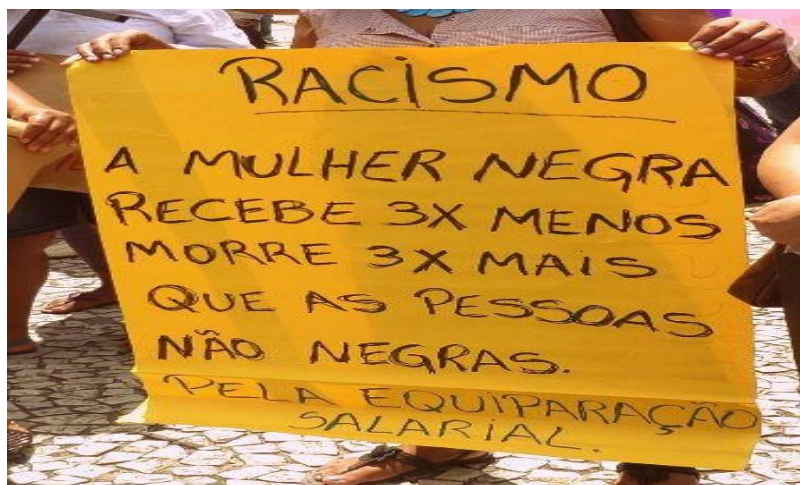


Imagem 4- Feminismo e equidade racial. Fonte: “Novas Bruxas”



Imagem 5- Feminismo e mulheres negras! Fonte: Marcha Mundial das Mulheres de Pernambuco¹⁰

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/mmmpe/>>. Acesso em 30 out. de 2017.

Imagens como estas são feitas também direcionadas a outros tantos casos, como mulheres transexuais, homossexuais, negras, pobres, etc., uma vez que existem vertentes diversas dentro de um mesmo contexto. Questionar a posição que a mulher está na sociedade também propicia uma afronta às relações patriarcais e homofóbicas, entendendo que os homossexuais também se encontram às margens das relações de gênero¹¹. Quanto ao *feedback* com as seguidoras e seguidores, os perfis dedicam a ambos os sexos uma ótima forma de agregar homens à causa. Normalmente as trocas são ativas e há o compartilhamento de experiências e depoimentos, que acabam por fazer com que as mulheres auxiliem umas as outras, seja com palavras de apoio ou até mesmo com a marcação de eventos, já que existe uma extensão para além do mundo virtual a partir de militâncias ativas, como a “Marcha das vadias” que divulgam local e horários de encontros entre vários movimentos de mulheres para passeatas e reivindicações públicas contra a violência sofrida pelas mesmas; seguindo o mesmo modelo as administradoras da página virtual no *facebook* que representa a “Marcha Mundial das Mulheres de Pernambuco” além de promover encontros para debater temas como “a violência contra as mulheres negras”, também realizam intervenções nos centros urbanos de cidades como o Recife, colando cartazes de alerta aos temas abordados.

Herdeiro da reflexão acerca da condição inferiorizada da mulher, o atual movimento feminista no Brasil se especializa em mobilizar gru-

¹¹ Números de telefone para que denúncias sejam efetuadas como o da violência contra a mulher (180), homofobia (100), abuso e exploração contra crianças (181), entre outros, são divulgados constantemente nestes perfis

pos de denúncia às violências contra a mulher em suas diversas expressões. É importante ressaltar que muitas vezes as demonstrações de violência acontecem em próprios comentários das publicações, onde homens usam de palavras de baixo calão e algumas vezes chegam a ameaçar as moderadoras; nem sempre as publicações agradam a todos. Entretanto, isso não as faz desistir, pelo contrário só impulsiona mais o movimento, a intrepidez continua sendo a característica mais forte do movimento feminista desde o seu surgimento.

Considerações finais

Se ainda é tão difícil desmistificar certos hábitos de opressão legitimados e naturalizados no decorrer dos séculos em relação ao papel da mulher na sociedade através da reprodução por meio dos Aparelhos Ideológicos do Estado, (tratando-se num contexto de análise de um feminismo voltado a vertente radical que consiste na tese de que o sistema de dominação do sexo é um dos principais motivos da opressão sofrida pelas mulheres) como família, Igreja e imprensa, não deve haver abandono à causa. Mesmo que a ordem social insista em funcionar como uma arma simbólica da dominação masculina restringindo as mulheres em menores espaços de atuação, a luta deve ser constante. Se ainda assim as mesmas tenham que sofrer sob padrões de como falar, se vestir, ter filhos e como tocar o próprio corpo e ainda que muitas mulheres, infelizmente, cheguem a naturalizar a dominação.

Falar e levar informação ainda são ferramentas efetivas de ajuda para aquelas que de alguma forma foram afetadas por alguma dessas

situações. O feminismo não adormeceu após as “conquistas burocráticas” como o voto e o direito a creches; ele floresce em meio a uma sociedade com suas próprias dificuldades, é contemporâneo e necessário. O empoderamento, como fruto desse processo, é causa e ação do feminismo, as adeptas antes de empoderar outras mulheres sofrem o seu próprio processo de empoderamento que as permitem enxergar e combater a imposição masculina a que estão sujeitas, implica em ofertar mudanças no meio em que estão inseridas transformando as estruturas de subordinação. É fato que há muito a ser mudado, mas isso não diminui o que foi e está sendo conquistado. Os feminismos são uma importante peça na construção de uma sociedade igualitária, a união entre as mulheres é capaz de estabelecer uma verdadeira revolução.

Bibliografia

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Disponível em: <<http://colunastortas.com.br/2015/08/03/pierre-bourdieu-download/>> Acesso em: 10 abr. 2016.

EMPODERE, M. **Empodere duas mulheres**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/empodereduasmulheres>>. Acesso em 30 abr. 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**, 50ª edição. Global Editora. 2005.

MONTENEGRO, Ana. **Ser ou não ser feminista**. Recife: Guararapes, 1981.

NOVAS, B. **Novas Bruxas**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/novasbruxas/>>. Acesso em 27 set. 2017.

ONU MULHERES. **Organização das Nações Unidas Mulheres**. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/>>. Acesso em 27 abr. 2016.

PERNAMBUCO, M. M. M. **Marcha Mundial das Mulheres de Pernambuco**. Disponível em: <https://www.facebook.com/mmmpe/?hc_ref=ARR06kNTJhE1L5As3KaT7YiMmRMR-NoX_VwQh2jJ0EVDDgQ7f9P7yj6R8_NtkgcaTWU>. Acesso em 30 de out. de 2017.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SARDENBERG, M. B. Cecília. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. 2006. 12 f. Artigo – NEIM/UFBA, Bahia, 2006.

SARTI, Cynthia. **Feminismo no Brasil: Uma trajetória particular**. Cad. Pesq., São Paulo, 1988.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionários de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

Recebido em: 02/07/2017

Aceito em: 10/05/2018